

25 de Março  
de 1932

86

# reporteiri.

Semánario das grandes reportagens



**NESTE NÚMERO:** A Igreja e a República—O grande negócio da bola—Já houve uma mulher que votou em Portugal—Casas sinistras de Lisboa—Dramas ciganos



**PIM!** 5 vezes  
O Cochicho

**PAM!**

2  
8 sões **PUM!**

**Reporter X**

continua escrevendo os seus  
artigos com canetas

**E A G L E** Teatro Variedades

A R. INH. DAS RLVI. TAS

— NO —

**Fotogravura, Tricromia,  
Bicromia, Zincogravura  
e desenho**

Executam-se com a maxima perfeição na

**FOTOGRAVURA  
NACIONAL L<sup>DA</sup>**



Rua da Rosa, 273.  
LISBOA  
I TELEF-209581

Desenhos especiais em  
gravuras para jornais e  
revistas.

**Teatro Avenida**

Todas as noites—às 9 1/2

Um grandioso successo da Companhia  
**Estevão Amarante**

Tradução de Feliz Bermudes, João  
Bastos, muzica Wenceslau Pinto

**O BOM LADRÃO**

Protagonista (André Vignon)  
**Amarante**

Preços populares

Todas as noites

**Teatro Avenida**

**“GARANTIA”**

COMPANHIA DE SEGUROS  
(FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00  
Reservas em 31 de Dezembro de 1927  
Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da “GARANTIA” devem  
ter sempre em vista que nenhuma outra  
Companhia lhes pode offerir maiores  
vantagens: o seguro de vida obedece à  
matematica e esta é uma só. O que os  
segurados devem exigir é idoneidade  
da Companhia, e, neste ponto, a “GA-  
RANTIA”, tem a escudalia o seu passado.

SÉDE

Rua Ferreira Borges, 37—PORTO  
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14

Casa Bancaria Souza, Cruz & C.a, L.da

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71

(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

**Mannheimer V. G.**

SEGUROS DE AUTOMÓVEIS

TELEFONE 23533

L. Barão de Quintela. 11-2.º

**Teatro Maria Victoria**

A's 8-30—10-30

Grande exito da revista

**o Mexilhão**

Completamente remodelada  
Numeros de grande successo

**o MARUJINHO**  
por BEATRIZ COSTA

Comper ALVARO PEREIRA  
Bilados por FRANCIS

**o MEXILHÃO**

NO

**Maria Victoria**

**Auto Estefania  
Stand**

**Venda e troca de  
Automoveis usados**

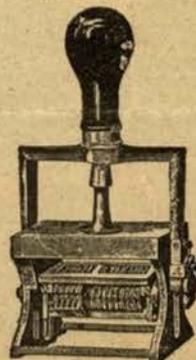
Telefone. 3134

Rua Alexandre Braga, 27

**ESTEFANIA**

**A. C. MUSGUEIRA GRAVADOR**

Carimbos  
—  
Numeradores  
—  
Datadores  
—  
Sinetes  
(lacre e roupa)  
—  
Litreiros de  
Chapas de ferro  
esmaltado



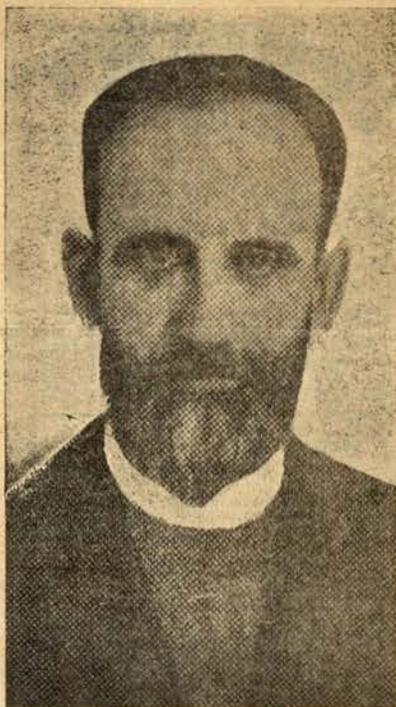
Sêlos em branco  
para repartições  
de estado, juntas  
etc.

Tintas  
—  
Almofadas

Caixas de tipo  
de  
borracha

70. R Augusta, 70 LISBOA





O rev. Alves Correia, antes das sensacionais declarações que hoje publicamos

O «Reporter X» de 12 de Fevereiro, a propósito da publicação do livro «A Largueza do Reino de Deus» da autoria do padre J. Alves Correia e do aparecimento do novo periódico «Era Nova», historicamente, em traços largos mas exactos, a atribulada vida do Centro Católico Português, preconizando-lhe uma nova cisão pelo aparecimento das duas referidas publicações.

Quizemos ouvir o Senhor Padre Alves Correia que é, sem discrepâncias, uma das mais ilustres e lúcidas figuras do clero português, — figura de liberal que nos habituamos a ver com apreço, em actos e manifestações de carácter republicano, — sobre a sua acção perante a provável definição de atitudes políticas entre as diversas forças que compõem o Centro Católico.

É norma jornalística fazer aos leitores a apresentação do entrevistado. Não fugiremos agora a essa regra, tanto mais que a especial categoria do nosso entrevistado de hoje, a facilita grandemente. Do seu passado, basta dizer que se trata dum Missionário com doze anos de dedicado e patriótico trabalho em alguns dos mais inhospitos locais do continente africano, de onde regressou à Metrópole por imposição médica e só quando a sua vida perigava seriamente. Na Metrópole, a sua dedicação pela causa missionária, tão intimamente ligada à causa Colonial, do passado e do presente, não teve o menor desfalecimento: enfileirou com destaque entre os mais activos defensores da bandeira e dos interesses nacionais do Ultramar.

Da sua actividade actual é suficiente atestado o desassombro das suas atitudes rasgadamente liberais, avultando entre estas, a publicação do seu mais recente trabalho «A Largueza do Reino de Deus» de cujo prefácio não resistimos à tentação de transcrever dois pequenos períodos que definem a maneira de pensar do nosso entrevistado: — «Nós, os cristãos, temos de ser os campeões do direito da consciência alheia e da nossa e do amor ao povo oprimido e espezinhado, não porque é do nosso tempo a Democracia; mas porque era ser hipocrita ter o Evangelho por bandeira e acamaradar com os tiranos, com o egoísmo, com o orgulho».

E mais adiante: — «A Igreja é mãe. Educados os povos, não os pôde querer cristalizados em menoridade permanente».

## Uma entrevista sensacional

# A Igreja e a República

Afirmações dum padre que não esconde o seu republicanismo  
— A Igreja não é o passado — Os novos farizeus...

E o seu livro é bem a defesa destes princípios: Guerra à tirania, ao egoísmo e ao orgulho. Liberdade aos povos e aos oprimidos.

**A Igreja preconiza a organização dos pobres e trabalhadores, contra o capitalismo sem entranchas...**

Fôram tão claras, tão precisas, desassombradas e prontas as afirmações que nos fez o Senhor Padre Alves Correia, que ao jornalista não coube mais do que transcrever-las textualmente para que os nossos leitores possam apreciar e julgar o simpático movimento evolutivo dentro da Igreja Católica Portuguesa esboçado pelo nosso ilustre entrevistado que, certamente terá muito quem o acompanhe mesmo dentro do Gremio a que pertence. Virá agora a cisão? Palavras do nosso entrevistado:

—Vi, com efeito, a attitude que, a propósito da aparição da «Era Nova» me atribuiu o «Reporter X», e até os receios amigos, que muito me sensibilizaram, de qualquer coisa parecida com a excomunhão, por parte da autoridade Eclesiástica. A respeito de excomunhão, põdem os amigos da «Era Nova» e os seus inimigos, estar descançados. A Autoridade nunca se pôde de mal com alguém por ele ser republicano, nem a Igreja irá reprimir os leigos por eles se esforcarem por organizar os pobres e os trabalhadores contra a opressão do Capitalismo sem entranchas.

Depois:

—Não havia de ser permitido aos leigos quererem realizar em redor de si uma vida social, que responda ao apêlo dos proprios Pontífices? E foram Pontífices Romanos, sobre tudo Leão XIII, na Enciclica «Rerum Novarum» e Pio XI ultimamente, no «Quadragesimo Anno», que preconizaram a união dos operários para defenderem os seus interesses, o seu salário justo e familiar, a sua vida honestamente desafogada e socialmente humana.

São então os intuitos da «Era Nova» defender os pobres, os trabalhadores, contra todas as opressões?

—Consta-me que sim; que, sem serem socialistas, nem bolchevistas os rapazes da «Era Nova» pregam a sindicalização dos operários, as cooperativas de produção e consumo, etc. O «Reporter X» sabe-o como qualquer outro leitor, como eu, que não pretendo ser mais categorizado do que um leitor amigo.

—Mas V. Ex. é tido como Director ou orientador do novo jornal?

—Nem sou Director, nem creio que ele precise de quem o oriente, senão a consciência cristã dos redactores e os conselhos dos amigos, que são muitos.

Diz a «Era Nova» que talvez se não tivesse lembrado de nascer, se eu não tivesse publicado «A Largueza do Reino de Deus». Mas eu nunca pretendi ser o orientador de todos quanto lêsem «A Largueza»... nem checaria a tanto, porque o livro teve um edição de 2.000 exemplares e já poucos exemplares estão por ler.

—É não seria interessante aceitar V. Ex. a direcção do combativo e simpático jornal?

—Interessante talvez nem isso; menos massador será qualquer

outro, mais jornalista do que eu. E não seria aconselhavel. Não creio que o logar de um padre seja a direcção dum jornal politico, por mais levantado que seja o seu ideal, e a «Era Nova» quiz, e estava no seu direito, militar no campo politico.

**Portugal e as missões católicas**

—V. Ex. diz que estava no seu direito...

—Um católico. Por ser católico, não perde o direito de cidadão livre e politico. Se pôde até ser monárquico, numa republica! Com quantos mais razão não poderá ser republicano numa terra em que a Igreja pediu aos católicos, por amor da paz religiosa, que acatassem o Regimen com lealdade. Isto por amor da paz, e tambem para acabar com o preconceito de que a Religião é o passado—de que Igreja, Reacção, Monarquia são nomes diferentes de uma só e mesma coisa.

—Mas V. Ex. escreve no novo jornal...

—E tenho escrito, de graça e com entusiasmo, em todos aquelles que me pedem esclarecimentos acerca das minhas queridas Missões. Escrevo, porque sei que é necessário que se conheçam os portugueses, para que saiamos da posição envergonhada em que andamos, nós, a terceira potência colonial, e catolicamente tão pouca potência, que em Angola, a nossa melhor colônia, temos trinta e cinco missões católicas portuguesas para 120 estrangeiras, e em Moçambique umas 30 nossas para perto de 500 estranhas!

—A culpa dessa situação atribuem-na os católicos aos governos sectários?

—Atribuem; mas sobretudo à propria indolência. Há já perto de 20 anos, o Governô da Republica, pela acção do Comandante Rodrigues Gaspar, reorganizou a ajuda do Estado ás obras do recrutamento missionário. Em Africa a protecção official da Republica não nos tem faltado nunca.

—Bem sei que não era sobre isto que o «Reporter X» me queria ouvir... Mas o coração foge para o que mais ama.

—E, deixe-me ainda dizer-lhe que, se a «Era Nova» servir para ensinar os portugueses, e entre elles os católicos, a serem paternais e tolerantes, por cima das convicções divergentes, até as Missões lucrarão; pois só são fecundos em obras os povos entre os quais há respeito pela liberdade alheia, e, pela liberdade, entendimento e paz.

**«Ai de vós os farizeus...»**

Ahi têm os nossos leitores a opinião franca-mente liberal dum jornal dos mais distintos orientadores da Igreja, sobre a politica Católica no nosso país.

(Continúa na pag. 15)

2250 - Rua Principe de Beira 540  
Redacção Principal: Rua Terceira  
Largo, 10 - Lisboa  
Linha de Impressão: Rua da  
Cruz, 10 - Lisboa  
Alvará de Impressão n.º 10774  
de 1924 - Rua de Beira, 540 - Lisboa

# ERA NOVA

Redacção: Continente e  
Ilhas, Salazar 5025 Africa Per-  
tencente 22500, Coimbra 10166,  
outros países 23225, em uma paga  
de administração: — Bateria  
Prestado e edição pagina 1924 a  
Italia, em outras paginas 1931  
parapostante contrato especial.

Março 12

Número 7

SEMANARIO DE LUTTA E DEFESA SOCIAL

A «cabeça» do Era Nova, o novo jornal dos católicos da esquerda...

## O "NEGÓCIO" DA BOLA

## Numeros que são verdades esmagadoras

**Olhando de soslaio as bilheteiras dos campos de «foot all»—Distribuindo o grau de responsabilidade no escândalo—Um relatório que tem uma linguagem bem expressiva.—Todo o passado como o trig...—O próximo Portugal-Jugo-Eslavia e a luta que já se desenrola—Os senhores árbitros e a aneddotia do tostão**

Os jogadores de «football» são o eleito de uma grande causa. Sendo o homem um produto do meio ambiente, necessariamente que ha-de refletir as virtudes ou as mazelas d'esse meio.

No artigo anterior, distribuindo as responsabilidades desta gente da bola, individualizando as culpas que lhe cabem, dissemos, por que é uma grande verdade, que os jogadores são os menos gananciosos e os que menos proveitos tiram do negocio da bola, embora o seu «desinteresse» vá ao extremo de reivindicar, por processos revolucionarios, como a greve—dois exemplos são: os jogos Lisboa-Paris e Victoria com os clubes brasileiros—uma gratificação choruda. Mas, até certo ponto, perante a recusa dos outros, estas exigencias ainda se compreendem: os jogadores dão o «corpo ao manifesto», sugentam-se a ficar inutilizados. Os «meneurs» da bola, esses os maiores sacrificios que fazem, são realizados através dos «guichets» das bilheteiras, arrecadando a «massinha» que os papalvos lá vão levar...

Destriçadas as responsabilidades verificamos, pois, que as principais pertencem aos dirigentes da bola. São eles com as suas viagens principescas, com as despesas de representação, com os gastos superfluos que levam o melhor quinhão. A bola é redonda e vai a todos os lados, repartindo o bolo perdulariamente pelos «meninos bonitos». Como a natureza não é prodiga na formosura sucede que só é beneficiado com o «bolo» da bola um número restrito. Há filhos legítimos e bastardos. Os primeiros são os «meninos», os segundos os enteados, ou talvez inversamente...

Quem são esses dirigentes? Não precisamos estar a apresentar os seus nomes. São de sobrejo conhecidos. Em todos os relatorios da Federação Portuguesa de Football Association eles lá estão em caracteres bem vivos. Não se podem confundir porque não são muitos. No entanto, quando se fala junto das pessoas que por motivos de representação têm as suas responsabilidades morais ligadas á Federação, as frases de acrimónia matraqueiam: fulano é um dos «meneurs». «Está cheio à custa da bola». Aquele Portugal-Italia, aquele Portugal-França foram autenticas minas».

A verdade é que o Congresso da Federação ainda não deixou de sancionar as contas que se apresentam, e mais ainda: de aprovar um voto de louvor aos taes «fulanos» que estão cheios. A discriminação das despesas é feita sempre com fundamento jurídico porque de contrário o Torel já teria falado... gasta-se de qualquer maneira, aplica-se o dinheiro como calha, sob diversas rubricas, e não existindo fraude nem infracção ao Código Penal, quem se atrever a chamar a um desses fulanos ladrão

corre o risco de se sentar no banco dos reus, e o jornal que em letra de forma os brinde com aquele qualificativo, tem um processo de imprensa com toda a certeza. A' face da lei não há roubo, não existe dolo, não se verifica crime. E tanto que se aprova sobre tudo isto um voto de louvor...

Todavia os elementos que não fazem parte dos aranhiches da Federação não deixam de se gredar-nos aos ouvidos: «aquilo é medonho. Dá para tudo. E' uma grande mina. E esse Barão! Está cheio. Até já tem prédios. E' um grande cavalheiro. Uma grande sanguessuga.

Este senhor Santos Barão é aquêlê empregado de secretaria da Associação de Lisboa que vive exclusivamente da bola e do que a bola dá e oferece. Quando se fala neste indivíduo é um louvar a Deus de insultos contra o Barão. E' isto, é aquêlê. E, no entanto, amigo Barão conserva-se e vai fazendo progressos, e vai sendo um grande amigo do «football» português, um dos mais fervorosos defensores do amadorismo.

Para se avaliar quanto dá o «football», basta compulsar rapidamente os balancetes da Federação Portuguesa de Football Association. Os números são bem eloquentes. Vejamos sem perda de tempo o que eles nos dizem, apenas em relação aos lucros dados pelos «matches» internacionais segundo o último relatório da Federação: Portugal Checoslovaquia, 22.031\$00; Portugal-Espanha, 64.215\$07; Portugal-França, 37.392\$48. Houve encontros internacionais que dearam prejuizo. Mesmo assim a receita liquida a favor da Federação com todos os desafios dessa categoria foi de 79.506\$41.

Não sabemos, no entanto, por que «malas artes» o saído que passa para 1931-1933, segundo o relatório, é apenas de 3.825\$12. Porque se dá este facto? Talvez se encontre a explicação nestes algarismos que o mesmo documento nos apresenta. Ordenados e gratificações: 28.695\$00; Deslocações, 67.742\$23; Preparação do grupo Nacional: Esc. 42.646\$35. Se fossemos a compulsar os documentos de Caixa as contas estariam perfeitamente certas, mas não se encontraria a discriminação das viagens, dos hotéis e «tuti

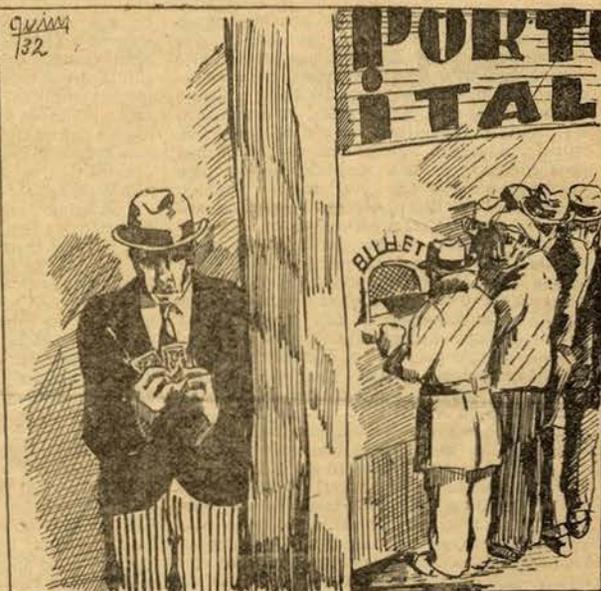
quanti» justifica a rubrica deslocações, gastos gerais, etc.

O «football» como se observa, é ainda um grande espectáculo, cujas receitas se sobrelevam às de outro qualquer género. Por isso o filão não deixa de ser explorado em beneficio exclusivo dos «Barões» e quejandos que vivem do «amadorismo» da bola, como poderiam viver de qualquer tráfico. Não hão-de, com estas condições, degladiarem-se os senhores mentores da bola sempre que se trate de um encontro internacional em disputa de lugar de seleccionador da equipe nacional, ou seja, do cavalheiro que ha-de acompanhar os jogadores ao estrangeiro com todas as despesas pagas.

Presentemente verifica-se esse facto. Deve realizar-se este ano, em Maio, o Portugal-Jugo-Eslavia neste país. Trata-se de uma viagem boa que proporcionará um belo passeio. Degladiam-se os dirigentes para a escolha dos seleccionadores. Pelos sacrificios que esse lugar importa? Isso sim. Se desse prejuizos ninguém queria o lugar. Todos querem ir: de Lisboa, Porto, Coimbra, Algarve, Setubal e não sabemos se da Aldeia de Paio Pires. O passeio tenta...

Por outro lado os árbitros também não estão dispostos a só levar picçada nos campos sem uma compensação monetária. Querem que lhes paguem o seu trabalho. Outros discordam da remuneração da arbitragem. Desejam simplesmente que lhe paguem todas as despesas.

Perante estas incoerencias seria mais decente acabar-se com essa mentira convencional do amadorismo porque assim todos sabiamos quanto ganham esses sacrificados dirigentes do «football» português, para quem um público numeroso paga recebendo em troca o adjectivo de papalvo.



... por isso o filão não deixa de ser explorado...



A médica Carolina Beatriz Angelo

# Já ouve uma mulher que votou em Portugal

Um vento de liberdade soprava de norte a sul do país. Os organismos femininos, representativos dos interesses da Mulher faziam uma intensa propaganda para que lhe fosse concedido o direito de voto. Conferências, jornais e revistas, comícios, tudo servia para mostrar que em política a mulher podia valer tanto como o homem. Apesar—disso, e da justa simpatia com que as referidas reivindicações tinham sido acolhidas pelo público, o governo de então não acedia aos rogos que lhe eram feitos repetidamente para que fosse publicada uma lei ampla, aberta, para que nas eleições para os constituintes fosse já tomado em consideração o voto feminino.

Publicada a Constituição da Republica, nada nesse documento se opunha a que uma mulher tomasse parte nos trabalhos eleitorais, embora também a Constituição nada afirmasse a seu favor.

Vista assim a questão sob o aspecto jurídico, a sr.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Carolina Beatriz Angelo, apoiada pela Associação de Propaganda Feminista de que era presidente, requereu a sua inserção nos cadernos eleitorais. Indiferido esse pedido pela Comissão Recenseadora, aquella distinta médica recorreu para os tribunais e pelo juiz sr. dr. João Baptista de Castro foi dada sentença favoravel á reclamante que acompanhada por grande numero de senhoras entre as quais, dizem os jornais da época numa resumida noticia, se encontravam as sr.<sup>as</sup> Dr.<sup>as</sup> D. Adelaide Cabete, D. Ana de Castro

Osório, sr.<sup>a</sup> Sofia Quinterio, etc., etc., exercu o seu direito de voto—direito conquistado nos tribunais na assembleia eleitoral de Arroios onde lhe foi prestada uma estrondosa ovação pela assistência feminina e... masculina que ali se encontrava.

Foi, por conseguinte a Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Beatriz Angelo a primeira mulher que votou em Portugal e até agora a única. O facto teve grande repercussão no estrangeiro, especialmente na Inglaterra, onde nessa época ia travada acesa luta pró-feminismo.

Quem era esta senhora que em pelega tão rija conseguiu tão retumbante vitória? A Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Beatriz Angelo nascera na cidade da Guarda, e depois de fazer ali os preparatórios, formou-se pela então Escola Médica de Lisboa. Terminado o curso casou com um seu discípulo e primo que poucos anos depois era vitimado por uma tuberculose. A ilustre médica—que foi ilustre também no desempenho da sua profissão—continuou sozinha á frente do consultório que fóra dos dois, muito simpática e muito bondosa, duma intelligência vivíssima, a Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Beatriz Angelo foi dos elementos mais valiosos que trabalhou no «Grémio Luzitano» e na «Liga Republicana das Mulheres Portuguezas».

Faleceu no dia 4 de Outubro de 1911, quando muito havia a esperar, ainda do seu saber e da sua intelligência.

Costa Júnior

**F**OI em Portugal que o feminismo teve uma das suas mais retumbantes vitórias. Foi o nosso país o primeiro que concedeu á mulher o direito de voto, sendo também o primeiro país em que esse dever de cidadão, como se afirma nos Manuais de Educação Cívica, foi exercido por uma mulher.

Admiram-se os leitores? Pois é verdade e consta do nosso arquivo que tem ainda, após a publicação de perto de 200 números do Reporter X, muito de inédito capaz de emocionar os nossos leitores.

\*\*\*

Proclamara-se havia pouco a Republica.

## O tiranete das Caldas da Rainha

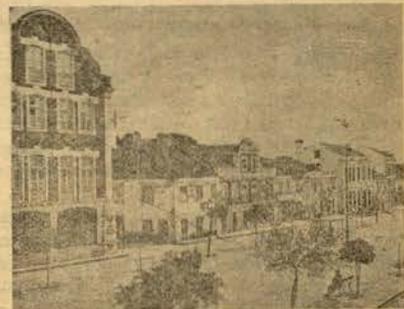
Uma vingança mesquinha dum agiota que quer passar por bom catolico e Conde pontificio...

Mais uma vez nos vamos ocupar do famoso banqueiro-agiota das Caldas da Rainha, que daquela linda cidade fez pouco para dominar no distrito de Leiria. Ainda por muito tempo, decerto, a ele nos referiremos, pois que o espaço é pouco e a sua chronica é extensa. Já demonstrámos aqui os verdadeiros saltos de trampolim feitos pelo emérito agiota para conseguir uma condecoração que não apanhou, assim como demonstramos que usa o sr Manuel Antonio apellidos que lhe não pertencem e os quais ninguém sabe onde vieram e a que titulo.

Com a mania das grandezas—mania que é calculo e negocio, uma forma de impôr a sua pessoa—o sr. Manuel Antonio quiz-se fazer condecorar com o habito de Cristo—nada menos. Porque o não conseguiu já nós demonstramos no nosso artigo anterior. Mas não desista o sr. Manuel Antonio que, como demonstra com a fortuna que possui, é duma tenacidade á prova de toda a resistência. Não pode ser cavaleiro ou comendador de Cristo? Pois será conde nada menos que um titulo nobiliárquico!—feito por Roma. Impossivel—dirão os leitores que supõem que os titulos honoríficos fo am abolidos de Portugal. Que não é impossivel demonstra o o Marquês de S. Ag. e, de triste memoria, que também é nobre feito por Roma. Para isto, para que o façam Conde as vaidades destes homens acostumados a dominar pelo dinheiro não tem limites—tem o sr. Manuel Antonio desenvolvido a maior influencia e feito impossiveis, e realzados até aquilo que mais custa fazer a um homem

da sua espécie:—gastar dinheiro!... Ele são viagens a Lisboa, subsidios para aqui e para além, esmolas para esta e para aquella organização. Apregoa aos quatro ventos os seus sentimentos católicos—e são frescos, não haja duvida... convida para se hospedarem em sua casa alguns padres italianos que lá tem estado, e o resultado é idêntico ao resultado do trabalho que lhe deu a tão cubiçada condecoração:—trez vezes nove.

Referimos acima aos sentimentos católicos e cristãos do famoso banqueiro e vamos explicar, com um exemplo, o quilate desse falso catolicismo. Não há muito tempo um nosso redactor foi ás Caldas da Rainha em missão profissional e logo, quando souberam os amigos que ali temos que na linda cidade se encontrava um redactor do Reporter X, immediatamente chegaram até nós as mais famosas sugestões para diversos artigos. Um dos artigos que immediatamente apontaram á esse nosso redactor, como sendo um caso urgente e de urgente hygiene social que era necessário atalhar, foi o que ao sr. Manuel Antonio se referia. Não o publicamos porque não era essa a missão que ás Caldas da Rainha tinha levado esse redactor, mas logo sob a nossa mesa de redacção choveram cartas admirando-se do nosso silencio que nada justificava—diziam. Po que assim era, porque estavamos dentro da verdade e da justiça, porque não existiam razões de amizade ou quaisquer outras que nos obriguem a calar, quando se torne necessário extirpar á luz clara do sol um



Uma vista das Caldas da Rainha, onde Manuel Antonio queria dominar...

tumor que tantos individuos tem infelicitado, foi feito o primeiro artigo. Que julgam os leitores que fez esse homem que nestas colunas tinha sido tão duramente atacado! Nada realizou para demonstrar a sem razão das nossas afirmações, para provar aos seus contemporâneos que sempre houvera lisura no seu proceder, antes tomado dum raiva posserra mais contra a verdade dos factos que era indestrutivel que contra nós, planeou uma vingança mesquinha contra o nosso redactor que honradamente assinara o artigo. Como ele então trabalhava um outro jornal desta capital, o sr. Manuel Antonio moveu todas as suas influencias... para que elle fosse demittido desse lugar onde honradamente, trabalhando, ganhava o pão de cada dia.

E' assim o tiranete que quiz ser dono e senhor das Caldas da Rainha...

Reporter Diávolo

Na Figueira da Foz

# A História duma Concordata

**A moderna «arte de furtar» ou como um comerciante arranja, dum golpe, uma centena de contos**

Hoje em dia, as «concordatas» constituem um excelente arranjo para certos comerciantes sem escrúpulos endireitarem a vidinha...

O pior é que, às vezes, o diabo tece-as, pondo amostra as traquibernias tramadas com o fim de prejudicar os credores que, em má hora, confiaram os seus dinheiros a mãos tão sujas...

Vem tudo isto a propósito duma celebre «concordata» que um farmacêutico, na Figueira da Foz, engendrou e conseguiu que o Tribunal recebesse, apesar duma parte dos credores serem... pintados, ou, melhor dizendo, fictícios.

Pois a «concordata» lá está no Tribunal da Figueira apresentando um passivo de quatrocentos e tantos contos e oferecendo 50%, aos credores!

O vigário vem de longe...

Imagine-se que o nosso heroe, em 1926, quando foi fixar residência na Figueira, publicou nos jornais da terra um anúncio dizendo que tinha 150 contos para emprestar.

Isto creou-lhe uma aureola de pessoa endinheirada, que, á maravilha, lhe serviu para armar a rede aos incautos...

Comprou a melhor e mais afreguezada farmacia da Figueira, relacionou-se com as mais gradas pessoas da terra e começou a fazer obras num predio que possuía

no Bairro Novo, no bairro dos banhistas, transformando-o numa excelente e moderna habitação.

A pretexto de precisar de dinheiros para aquela obra, e com a desculpa de nenhum poder distrahir do seu negocio, ia pedindo aos amigos ás cabazadas de contos—a este 30 contos; áquele 5 contos; a esse outro 10 contos, e mais 5... e mais 10... etc. etc. E aos fornecedores da farmacia não pagava os respectivos fornecimentos, largos e fartos fornecimentos, com a desculpa de que as obras lhe levavam, de momento, todas as suas disponibilidades!

Acabadas as obras em novembro de 1931, o nosso heroe atira com a «concordata» para o Tribunal e vem, então, a averiguar-se—que ele ficou a dever a parte dos empreiteiros—que não pagou aos amigos que, particularmente, lhe haviam emprestado algumas centenas de contos para as tais obras (que importaram, afinal em 108 contos)—que não liquidou com os fornecedores da farmacia, acabando por hipotecar o predio por 45 contos na Caixa Geral dos Depositos!

Quer dizer, meteu no bolso—que é sitio quente!—o dinheiro dos empréstimos particulares; o dinheiro devido pelos fornecimentos da farmacia; o dinheiro proveniente da exploração da mesma que atin-



O agente Jerónimo que investigou este caso

gia, annualmente, a receita bruta de 150 contos, e ainda os 45 contos da hipoteca... ou seja qualquer coisa como uns 300 contos!

Isto tudo no espaço de pouco mais de ano e meio, devendo ainda acrescentar-se que apareceram, agora, alguns credores de duas boas dezenas de contos do tempo em que o nosso heroi anunciava ter para emprestar 150 contos!

Quer dizer: descobre-se agora que o vigário já vinha de longe...

Perguntarão os leitores: mas como consegue passar uma coisa dessas no Tribunal? E os documentos e as letras são falsas?

E' o que a seguir havemos de contar.

Anacieto



... são quatro os tipos...

Segundo um estudo realizado recentemente pelo professor da Universidade de Edimburgh, Dr. Walter Freeman, um novel mas já celebre neurologista, pode e deve-se estabelecer íntima relação entre as características pessoais e as doenças.

As conclusões tiradas por este médico, com base num profundo trabalho de observação em

## Defendam-se do mal que os ameaça.

**A fisionomia pode ser um precioso auxiliar de medicina**

homens e em cadáveres autopsiados, levaram-no a julgar possível estabelecer um plano de defesa contra as doenças que, conforme afirma, com mais probabilidades atacam os homens segundo as suas características.

Na teoria do Dr. Freeman, os homens dividem-se em quatro grupos de tipos: Schizoides, Paranoídes Cycloídes e Epiléptoides. Sobre cada um destes grupos recaem geralmente os determinados males físicos para que tem especial tendência. Assim, por exemplo, sobre os schizoicos, cujas características mais evidentes são no físico, altura e magreza acima do vulgar, expressão dura, angulosa e palidez pronunciada; e mentalmente, pouco sociável, má-língua e conservador nos hábitos, paira o perigo constante das doenças intestinaes, nervozas e predisposição para a tuberculose. Na classificação de paranoídes, inclui os individuos fortes fisicamente—altos e espaduados e mentalmente mostrando tendências megalománicas, são desconfiados e facilmente irritáveis. Deste grupo saem geralmente os *arrivistas* e porisso se encontram em situação de destaque no Mundo, muitos dos seus componentes. As doenças mais vulgarizadas nos paranoícos são as de caracter cénico, infeções e as devidas, á má circulação do sangue.

O cycloico é no geral, activo rubicundo, de cara arredondada mas com cinco vertices, robusto de tronco e pernas curtas. Mentalmente sociável e jovial, porem desfalecendo facilmente—psichosis—em casos extremos. Os seus males

físicos recairão principalmente sobre o coração, vasos sanguíneos e rins.

A quarta classificação recai sobre os epileptoicos. Estes são mal constituídos, com desproporções entre o tamanho da cabeça, do tronco e das pernas. São atreídos a convulsões nervosas—dores de cabeça e asthmas.

Os homens classificados no grupo dos cycloídes são, no geral, incapazes de se concentrarem no estudo ou trabalho que os não interessa directa e imediatamente. Dotados de grande energia dispersam-se porém por diversas iniciativas simultaneas que se prejudicam entre si—raro completando qualquer ob.a. São câmpios na sociabilidade e mantêm muitas relações.

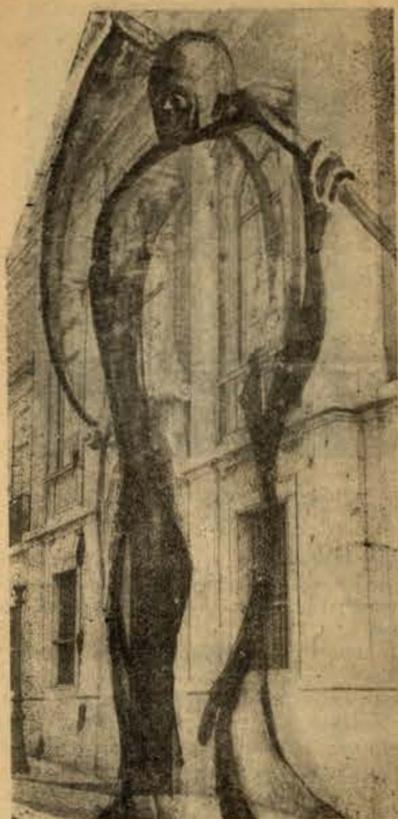
Quando sob a influencia do alcohol o tipo paranoico faz-se provocador; o schizoico, solene e dormiente enquanto o cycloico dá mostras de grande alegria e felicidade.

A ser, como parece, devidamente fundamentada esta teoria, teremos em breve muito facilitada a diagnosticação das doenças pela observação das características fisionómicas dos pacientes, senão a maneira de evitar os males físicos que nos ameaçam por predisposição.

Observem-se cuidadosamente os nossos leitores e defendam-se dos pericípios que trazem no seu proprio físico, mas no entanto não se preocupem muito com as características que possuem, pois no geral estas encontram-se muito confusas e só os sábios as saberão classificar com alguma precisão...

## UMA REPORTAGEM MACABRA

## As casas sinistras de Lisboa



**A «Dama de Branco» e o jornalista Aprigio Mafra—As casas sinistras do Bairro Alto—O medico espanhol e os dois cadaveres insepultos—O louco da Rua das Gaveas—As cinco mortes da Rua da Palma—O misterio dos velhos brasileiros—O crime de Vieira de Castro—O predio da rua das Flores**

o arminho dos seus raios. Riscou um segundo fosforo—e, com enorme pasmo de Aprigio, a branca desconhecida sumiu-se como que por encanto. Espreitou, circunvagou o olhar, apressou o passo—e nem vestigios! Seria ilusão sua? Mas eis que o segundo fosforo se apaga—e a «dama de branco» ressurge, galgando a escada separada dele pela mesma distancia de ha pouco—e no mesmo cauteloso silencio.

Trez fosforos se queimam; trez vezes a misteriosa figura se diluiu na fraca luz bruxoleante, duas reapareceu como que disparada pelas trevas! Inquieto, nervoso, intrigado o nosso camarada chegou à porta do seu quarto, deitou-se, leu umas paginas, e ao apagar a lampada electrica a aparição da escada veio de novo atormentá-lo. Foi toda uma noite de vigilia e de terror! Só ás pepitas de sol, pôde socegar, e logo que sentiu passos na sala visinha, pertencente aos seus hospedeiros, chamou-os e contou-lhes o que sucedera. Eram dois velhos—e entreolharam-se com desanimo e tristeza: «E' escusado tentarmos alugar este quartol—disse a esposa para o marido». E como Aprigio, animado por este desabafo, averiguasse o seu significado—ela elucidou-o: «O senhor é o quinto hospede a quem alugamos esta alcova e nenhum deles dormiu nela mais do que uma noite.

A todos succede o que lhe succedeu a si. Todos vêm o que o senhor viu! A casa não é muito antiga, mas tem perto de 30 anos. Dizem que o primeiro inquilino deste andar tinha uma enteada ou pupila e que esta morreu—aparentemente de morte natural—nas vespersas de se casar. A sua fortuna—era mui rica—foi herdada pelo tutor ou padrastrô, que era primo... As más linguas—e o proprio noivo da pequena tiveram suspeitas dum crime—mas nunca se queixaram por falta de provas. A verdade é que o velho suicidou-se e alguém que conheceu a pequena garantiu-nos que essa figura branca que aparece, a recorda como se fosse um reflexo seu! Escusado será dizer que Aprigio Mafra não voltou a dormir nesse quarto.

Todas as cidades têm as suas casas sinistras. Quantas vezes, ao passarmos por uma rua, ao contemplarmos um predio que corresponde ao nosso gosto, ao visitarmos um amigo, ao fixarmos uma nova residencia, não suspeitamos nem ao de leve, as tragedias, as lagrimas, o sangue, o odio, o amor, o misterio os segredos angustiosos que aquil as paredes guardam...

Ainda ha poucos numeros viciamos os crimes de Matos Lobo—o ultimo enforcado de Portugal—e poucos são os que passando pela Rua de S. Paulo e olhando para certas janelas do predio citado visionário o gran-guignolesco drama que nele se desenrolou—quatro pessoas assassinadas em pouco mais de dez minu-



cima: O predio em que viveram os Freire até ao momento de ser enforcado.

esquerda: A casa onde Matos Lobo, o ultimo executado português, cometeu o seu crime.

direita: A casa onde morava Maria Alves.

tos e de forma tão cruel e satânica! A biografia sangrenta de Diogo Alves—quantas casas sinistras não nos aponta? Uma delas, na Rua das Flores, onde ele assassinou três creados e uma creança.

Na Rua do Ferregial, logo á entrada de quem vem do Alecrim, se não estamos em êrro, existe tambem um predio, onde de noite, se ouvem estralhar gargalhadas alegres de *mondaines* plebeias e maritimos de todas as raças que querem em poucas horas de alegria, de cerveja e de amor reabilitarem-se das longas semanas de luta com os mares. Se evocassem a essa gente o drama que se passou precisamente no salão onde ela se reúne de preferencia, abalasse apavorada. Foi talvez nesse predio que um grande amigo de Camilo e Ramalho e um grande espirito—Vieira de Castro, ao saber que a sua joven esposa—uma brasileira frívola, leviana e *coquette*—o traia com um descendente de Garrett—o obrigou primeiro a ingerir

uma forte dose de cloroformio e como ela resistisse, estrangulou-a, apresentando-se a seguir á justiça, e vindo, depois a morrer em Africa, na ignominia do degredo.

Na Rua das Amoreiras, quasi no angulo da Estrada de Campolide, existe ainda a casa onde, em 1892, se deu um dos maiores enigmas dos nossos arquivos policiaes. Nesse predio vivia então um casal de velhos brasileiros, rico-riquissimos, dizem—com três criadas e uma neta, orfã de pai e mãe. Um domingo de verão, estando presente uma familia amiga que viera visita-los, eles deram licença aos criados para pas-searem até ás 10 horas, visto que tentavam jantar lóra e dar uma volta pela feira, após o jantar.

Os criados saíram—ainda com as visitas em casa. A's dez da noite, de volta a casa bateram e como ninguém viesse abrir—esperaram num rés do chão fronteiro que os patrões che-

gassem. Já perto da uma da manhã, quando os visinhos se impacientavam por que desejavam deitar—se ouviram-se três detonações que alvoraçaram o silencio da rua. Alguém que passava garantiu que o ruido viera daquela casa. Arrombadas as portas, encontraram os cadaveres dos dois velhos e da neta, num charco de sangue. A morte fora causada com arma de fogo—as balas encontradas eram de carabina. Mas o mais intrigante é que os três estavam vestidos, como que para saírem—mas tinham jantado em casa, ao contrario do combinado, visto que a mesa apresentava todos os vestigios da refeição. Ninguém os viu sair—nem entrar—tanto mais que os visinhos, antes dos criados chegarem, tinham estado sempre á janela. Portas e janelas estavam fechadas por dentro. A fortuna do casal—que era valiosa—não teve quem a herdasse. Não houve portanto interessados na herança. De casa, onde havia dinheiro e joias—nada desaparecera, embora uma gaveta, que continha só papelada, estivesse arrombada. E nunca se decidiu o misterio destas mortes. A propria ideia do suicidio não tinha verosimilhança visto que não foi encontrada a arma homicida.

Na Rua Nova da Palma, chamada a velha, frente á antiga pastelaria Pires, existe um terceiro andar fatidico. De 1895 a 1902 deram-se nesse andar três suicidios e dois crimes: um passiona e outro mui falado na epoca—cometido por um tal «Zaizai», facinora profissional que assaltando a casa, na confiança que estivesse sem ninguem, não hesitou em apunhalhar uma velhinha de oitenta anos, que o surpreendeu a arrombar gavetas.

Perto do Largo S. Sebastião da Pedreira, existe um palacete que é estigmatizado por uma tragica historia. Conta-se que em meados do seculo passado, quando as portas da cidade se erguiam preci-



Sucedem coisas que ficam envoltas em profundo misterio...

samente nas traseiras desse palacete—uma familia da provincia o veio habitar. Maus negocios arruinaram o seu chefe e maus negocios o enriqueceram de novo. O individuo em questão alugou uma quinta que havia para alem das portas da cidade—e minando um caminho subterraneo, transportava por elle o contrabando—que desembocava nos jardins do seu palacete, passando sob os pés dos guardas do fisco, sem que estes o suspeitassem sequer. Como não queria cúmplices, o canal subterraneo, que era estreito e baixo estava sempre semi cheio d'agua. Sobre a agua boiava um «comboio» de baus metalicos, atados uns aos outros e presos, o primeiro e o ultimo, a umas cordas cujas extremidades vinham dar respectivamente á boca aberta na quinta e a que ele rasgára no seu jardim. O contrabando entrava, de noite na quinta; elle enchia as malas; passava para o seu jardim, descia ás caves, abria o alçapão, puchava a corda e esta arastava sem exigir grande esforço muscular, as malas, graças á agua em que boiavam...

Tiranete e despota, o contrabandista contrariou os amores dum filho que, como castigo á sua desobediencia foi sequestrado. O rapaz, disposto a faser a sua felicidade, custasse o que custasse planeou a sua fuga e o raptô da mulher

(Conclue na pagina 15)

# O SEGRÊDO DOS "SANAVITAS" UM "MATHUSALEM" INGLÊS

*Esteve em Portugal o unico europeu que possui o segredo da longevidade, o qual nos confia um capitulo das suas memórias*

Um encontro de acaso, num Hotel da Baixa, pôs-nos ha meses em contacto com Mr. Alfred Arnold cuja conversa interessantissima, desde logo, nos prendeu vivamente.

Conhecia e falava das cinco partes do Mundo, pormenorizando factos recentes e remotos igualmente com a precisão de quem os houvesse presenciado.

Não aparentava ter mais de 45 ou 50 anos e por isso mais nos espicacou a curiosidade ouvindo-o relatar as festas da inauguração do Canal de Suez onde estivera—dizia—como interprete oficial.

O nosso crescente interesse pela fluencia e ineditismo dos seus relatos e a regularidade com que os criados iam enfileirando na mesa garrafas vasias de «Agua de Castelo» o que coincidia á proporcional redução no contendo dum 1 garrafa de «White Horse»—insistiam—no a prosseguir.

—E' bem verdade que recordar o passado significa tornar a revive-lo. Já lá vão tantos anos e de tudo me lembro como se fôra ontem. Tinha eu então apenas 33 anos, e acabára de consumir nas mais aventurosas peregrinações o melhor dinheiro de toda a minha herança.

Foi pois por necessidade que servi o Khediva de 1866 a 1869...

Fizemos um rápido calculo mental sobre a sua idade e imprudentemente não soubemos ocultar um momento de asombro ao verificar que o nosso interlocutor, já vivera mais de um seculo.

Sentindo que o tínhamos alertado com a aguçada curiosidade, resolvemos disfarçar a nossa imprudencia e deliberadamente mudamos de assunto, confiando em que a bôa estrela dos «reporteres» nos guiasse a uma melhor oportunidade para Jesvender o misterio certamente interessante da longevidade de Mr. Arnold.

Durante o jantar, em que foi nosso convidado, quasi o não deixamos falar.

Relatamos-lhe toda a nossa vida de aventura e viagens, entramos mesmo em pequenas fantasiadas confidencias—para ficarmos credores das suas. Porem, quando, tomado o café, já quasi desesperavamos de o vêr despedir sem nos contar o seu segredo, Mr. Arnold tomando um aspecto profundamente solene disse-nos:—«Você acaba de me proporcionar umas excellentes horas de belo convívio e eu não quero porisso deixar de corresponder á sua gentileza satisfazendo-lhe a curiosidade que tão cavalheirescamente soube ocultar.

—Ha pouco, levementemente, denunciei-lhe a minha verdadeira idade. Não o devia ter feito e aos 103 anos já não têm perdão as leviandades...

Já seguros da vitória, não hesitamos agora em o interromper garantido-lhe que não se lhe podia atribuir mais de 45 a 50 anos e muito bem conservados.

—Bem sei,—disse-nos, já mais calmo. Eu tenho na verdade a mesma vida e energia que qualquer outro homem dessa idade, porem já vivi o dôbro.

—Compreendo perfeitamente a sua curiosidade de jornalista e estou pronto a satisfaze-la se você se comprometer pela sua honra profissional a guardar segredo sobre tudo quanto eu lhe disser, até que eu o autorise um dia a revelar o mysterio da minha longevidade—que é segredo que eu só, entre todos os europeus, possuo.

Será porem necessário para que você possa compreender tudo e transmiti-lo aos seus leitores, que eu lhe faça um breve relato da minha vida de aventuras.

—Nasci em Sundbrury-on-Thames então uma vilasita sem importancia nos arredores de Londres, no ano de 1828. Meu pai, que era um verdadeiro espirito de aventura, alistara-se como

voluntario no exercito de Sua Magestade Britanica Guilherme IV e logo se ofereceu para ir servir na India, no Regimento Imperial. Eu tinha apenas cinco anos quando me levaram nessa primeira viagem.

E continuou:—Minha mãe faleceu poucos anos depois de lá estarmos deixando-me ainda muito novo para poder viver só. Meu Pai levava então uma vida de grande actividade ao serviço duma empreza plantadora de chá que o obrigava a ausentar-se da nossa casa.

Fui para Londres onde fiquei interno no Colegio. Desejava meu pai que eu me formasse em medicina mas não me interessavam nada os estudos e o germeu das aventuras que em peque-



no me haviam inoculado, levando-me para uma terra extranha e misteriosa, começava produzindo os seus efeitos.

## Uma surpresa desoladora

A pratica de falar os varios idiomas na India facilitou-me grandemente a aprendizagem das varias linguas occidentais, tornando-me verdadeiro poliglota.

Desisti pois do meu curso e como resposta, meu pai desistiu de me escrever e do envio da mesada. Lancei-me ao trabalho na imprensa de Londres mas logo que as minhas economias m'o permitiram tomei rumo da India que sobre todos os pontos de terra me interessava.

Logo que desembarquei em Bombaim fui informado que meu pai tinha desaparecido, e que todas as pesquisas feitas para o encontrar tinham resultado inúteis.

Profundamente abalado, resolvi abandonar aqueles lugares e realizar o meu velho sonho de correr mundo. Já traçara o itinerário e dispunha-me a partir, quando um incidente inesperado veio senão prejudicar, pelo menos adiar a realisação dos meus projectos annunciaram-me a vinda dum indio que de longas terras chegara para me falar, e que me convidou a visitar o seu país. Imediatamente compreendi que esse convite se relacionava com o desaparecimento de meu pai. Não resisti á tentação da misteriosa aventura, e na manhã seguinte partimos.

## O segredo da vida longa

Levado para uma povoação nas cercanias de Gorakhpore, foi ali recebido pelos chefes que tudo me explicaram.

Meu pai, viera ha anos pela primeira vez até aquela região caçar tigres de rara corpulencia de que me deixara alguns notaveis trofeus. As suas relações com o Rajah de x x x, eram as mais amistosas tanto assim que este e a sua comitiva o acompanhavam ás vezes nessas aventurosas caçadas. Quando da sua última visita, meu pai vendo o herdeiro do Rajah perigosamente ameaçado por um tigre que surgia por detraz dum monte de mato, correu em seu auxilio, mesmo salvando o jovem príncipe com o sacrificio da própria vida. Fôra profundo o reconhecimento do Rajah, o qual decidira de acordo com os sacerdotes ao saber da minha existencia e chegada a Bombaim, proporcionarem-me, como herança e premio do sacrificio paterno, uma vida que pela sua longevidade compensasse aquella que se havia sacrificado.

—Aqui tem como estou possuidor—o único possuidor estrangeiro—do grande segredo da longevidade, exclusivo apanagio dos yogis que são, como sabe, os crentes e praticantes do «Sanavitismo», revelado ha séculos pelo grande filosofo e sábio profeta Goraknathá. E eis-me pois, mercê do ritual e tratamento a que fui sujeito—e do qual guardarei absoluto segredo até morrer ou até... quer r morrer,—com 103 anos de idade e nada velho por ora...

E ficou-se concentradamente a pensar.

## Desapontamento justificado

O nosso desapontamento aqui, não teve limites. Ficamos sabendo muito na verdadeira mas faltava-nos o principal.

Não conseguiramos desvelar o verdadeiro segredo.

Mas nada nos restava a esperar agora. Mr. Arnold fôra claro e expressivo. Guardaria o segredo até morrer ou até querer morrer... e nós não ousávamos pedir-lhe que morresse!

A sua vida, já tão vivida devia tambem por vezes parecer-lhe um fardo e depois aquele segredo pesava-lhe, com certeza na consciencia como a tortura dum remorso.

Mas não lhe pediríamos a morte, nem elle nos daria o segredo. Uma unica coisa nos restava fazer:

—Mr. Arnold, não mais esqueceremos a amabilidade das suas confidencias mas já que o acaso nos las proporcionou queremos fazer-lhe um pedido:—Se alguma vês quiser confiar o segredo a alguém lembre-se de nós, para que sejamos o seu porta voz.

A sua resposta foi laconica, quasi trágica mas teve o condão de nos encher de esperança.

—«Assim será... um dia e talvez breve»... Savi sem mais uma palavra e nunca mais o tornamos a vêr.

## A decifração do enigma

Ha poucos dias porem, quasi esquecidos já do encontro que chegavamos a julgar lenda, ou producto duma noite de insonia, recebemos um exemplar do «Tit-Bits» de Londres de 13 do corrente, com uma longa reportagem sobre as ultimas aventuras do novo Mathusalem e uma sua carta em que laconicamente nos dizia:

«Pode publicar o que de mim já conhece. O RESTO só talvez lá para 1982 pois estou disposto a viver mais uns 50 anos». — (a) *Knidest Regards.*

LUIZ LUP!

# AS FAÇANHAS DUM Sultão Minhoto

## O elenco das vítimas e o repertório das proezas

Uma pessoa bem informada sobre a crónica do «Sultão Minhoto» disse-nos: — «Existem, na História Tenebrosa do Sadismo Nacional, figuras talvez mais completas do que a deste homem; existe um certo prior do século XV ou XVI — não estou bem certo, que, ao cair a ferro da justiça, aos 62 anos e após 45 de façanhas infamantes, apresentava uma prole confusa e inconfessável de oitenta e tantos filhos de quasi outras tantas mães — conseqüentes de todos os generos de violências, de ciladas, de crimes — mas ao menos esses sádicos não se maquiavam com o carim do pudor, não se mascaravam com a mentira de todas as virtudes, não alcançavam o grau da hipocrisia deste homem — que é a sua arma mais odiosa — nem defendiam a impunidade pelos processos usados por ele.

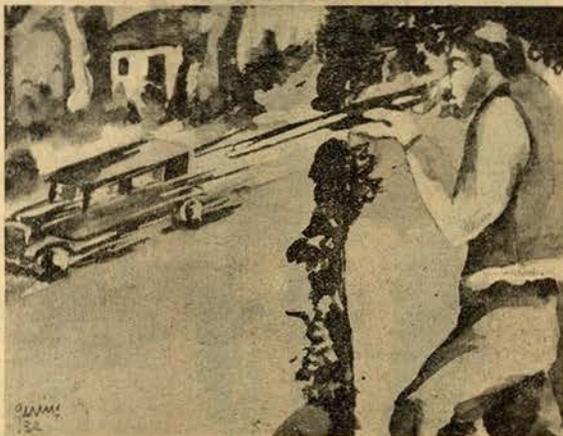
Na lista das suas vítimas existem todo o repertório de tragédias: moças recém-hegadas a cuberdade, esposas que eram modelares, virgens cujo unico tesouro era a sua virgindade... Um suicidavam-se; outras enlouqueceram ou ficaram numa chaga aberta, contagiadas pelas mais vis enfermidades; outras ainda, expulsas de casa, amaldiçoadas pelos paes, arrancadas aos braços dos esposos, perdidas para a já ventura que as esperava no amor do noivo a que deviam pertencer — galgam o mais doloroso dos Calvários, calvários da vergonha e de miséria, percorrendo os caminhos com o filho ao abandono, nos braços tremulos do frio e sem leite, no seio marcado a fogo pelos beijos malditos do sultão... Aquela moleirinha gentil, ao desabrochar dos quinze anos? E aquela operária que se quis lançar a um poço? E aquela família, em que ele ceifou todas as honras e lançou o archote do seu egoísmo infernal á doce paz em que vivia?... E aquela honesta esposa, a mulher que entre todas lhe deviam impôr o máximo respeito, pela ligação de família e pela nobreza da sua conducta — e que teve de fugir, como louca, da sua casa onde o marido a deixara logicamente confiada?

Rico, riquíssimo — o seu dinheiro é o seu maior escudo o dinamo da complexa maquinaria da sua defesa, o preço dos assalariados que lhe guardam as costas ou que empurram para longe os que o ameaçam — como quando foi do

misterioso ataque, a tiro de carabina, contra um automovel — atentado de que ainda hoje se fala; dinheiro que serve para amordaçar os barritones da verdade que perdem logo a voz ao escutarem o flintar de algumas libras... Depois do dinheiro — e ainda em consequencia do dinheiro — vem a situação social em que ele se entronisou, arranchando sob o seu dominio os que, pelas necessidades da vida, são obrigados, a aceitarem a escravatura de tal senhor, a sua hipocrisia de benemerito que se comove ante todas as dores e que chora ante todas as injustiças... Discursos hipocritas, gestos altruistas, subscrições, esmolas, caricias nas faces pallidas das creanças pobres, creches, hospitais — toda a *mise-en-scene* com que ele burla os incautos, os que não estão prevenidos dos seus crimes secretos, da sua obra inconfessada de tenorio sem escrupulos, de tirano, dos horrores, de satiro da felicidade modesta e honrada — de outros.

Ninguém ainda ousou desmascara-lo. Ele sabia agir, teclar certos pianos para abalar a tempo os escandalos, para se esquivar sempre ao castigo de que é mil vezes merecedor! Ousamos berrar bem alto os seus crimes — e se mais não fazemos é porque mais não podemos. Mas não julgue esse sultão de papel pintado, esse rajah de lantejoulas arnavalescas — que o esquecemos ou que a nossa consciencia ficou tranquila, apenas com esta chicotada de prosa que lhe vibramos. Quando menos esperar o latego vibrará no ar mais ameaçador do que nunca!

Victimas do sultão minhoto... encontrasteis finalmente quem vos vingue! Nem tudo neste mundo está comprado ou pode ser vendido ao ouro de um algoz! Contai connosco!



## As verdadeiras Minas de Salomão

Recebemos uma carta dum amavel «anónimo», que se propõe fazer-nos sensacionais revelações a proposito duma reportagem publicada no numero anterior, relativa ao segredo das «Minas de Salomão». Com o maior prazer accitamos a sua oferta e aqui o convidamos a visitar-nos quando quiser.

Este número do «Reporter X» tem 16 paginas a duas côres, custa 1\$30 e foi visado pela Comissão de Censura

# T. S. F.

**A. C. N. N.** Recebemos constantes reclamações sobre o procedimento de certas Companhias Estrangeiras em Portugal — sobretudo no que se refere ao trato que dão ao pess. al português e a indiferença com que focam a crise do desemprego... É um assunto que prometemos radiografar até ao amago. Mas não são só as companhias estrangeiras que tem estas culpas na consciencia. Somos informados de que ainda se encontram ao serviço da tamigerada C. N. N. os dois funcionarios reformados da Alfandega de Lisboa, que ali exercem as funções de «contrôleurs» da Repartição Aduaneira, que, recebendo 1.200\$00, cada um, de reforma, ainda cobram da C. N. N. a insignificante quantia de 900\$00 de ordenados mensaes, perfasendo, assim, 2.100\$00 escudos...

Será isto feito pela C. N. N. no intuito de contribuir para a solução da crise do desemprego?... Tanto chefe de familia com fome!

**Professor modelo** Muma escola particular ali em Arroios, — a mesma á qual já ha pouco nos referimos — o respectivo director, que acumula essas funções com as de professor de português e de outras coisas, usa, para corrigir os naturais demandis dos seus alunos, rapazes e raparigas, sova-los deshumana e deslealmente, com uma régua duma expessura assustadora.

Quem nos relatou este facto foi uma das vítimas, em cujo rosto começam despontando as primeiras afirmações de caracter viril, ao qual, maior do que as dores físicas provocados pelo castigo, mais fazem sofrer as dores morais do vexame de semelhante correctivo.

Pejante semelhante desaforo, só uos resta aconselhar as victimas a queixarem-se na Inspeção Geral do Ensino Particular.

## Imprensa

### «Diário da Noite»

Com um aspecto moderno interessante, começou a publicar-se em Lisboa um novo jornal intitulado «Diário da Noite», que galhardamente se tem batido em defesa da Republica.

É seu director politico o sr. Coronel Manuel Maria Coelho, o denodado combatente do 31 de Janeiro, seu director técnico o sr. Paulo Freire, nosso camarada muito amigo e nosso antigo colaborador, e seu chefe de redação o distinto jornalista e escritor sr. Julião Quintinha, o que justifica o exito que o referido diário tem alcançado.

Fazemos votos sinceros de longa vida.

### «Vida Ribatejana»

Completo 12 anos de existência — este nosso presado colega, que se publica em Vila Franca de Xira e da qual é acerrimo defensor. Os nossos cumprimentos.

Para Porto de Honra

Vinhos «BARROS»

DRAMAS CIGANOS

# José Domingos Galixto, o condenado-vítima

A nossa reportagem no último número do *Reporter X* sobre o crime da Golegã, de que resultou a absolvição do assassino e a condenação dum inocente, consequência da maneira defeituosa como decorreram as investigações policiais, teve o condão de despertar o interesse e o entusiasmo dos nossos milhares de leitores, muitos dos quais nos escreveram a felicitar-nos, incitando-nos a prosseguirmos no nosso caminho, de descoberta da verdade.

Anima-nos semelhante facto, que nos mostra quanto o nosso povo é rico de sentimentos nobres, bem como o desejo insaciável de que se preste justiça a quem a merece.

Neste caso do cigano Calixto, que se encontra a ferros na Cadeia de Monsanto, aguardando o dia em que na Penitenciária haja lugar para êle começar a cumprir a pesada pena de 25 anos de prisão maior, por um crime que não cometeu, a nossa atitude é aquela que já expozemos mais duma vez, de cujos intuitos ninguém tem o direito de duvidar: — anima-nos apenas a vontade de libertar um inocente, remediando-se assim um mal para o qual os juizes julgadores nada contribuíram! E, assim, julgamos cumprir o nosso dever de reparação á sociedade ofendida, além de procurarmos que se restituia êsse homem aos affectos de sua mulher, exemplo de dedicação e de sacrificio, dignos de serem conhecidos e auxiliados por todas as mulheres portuguesas.

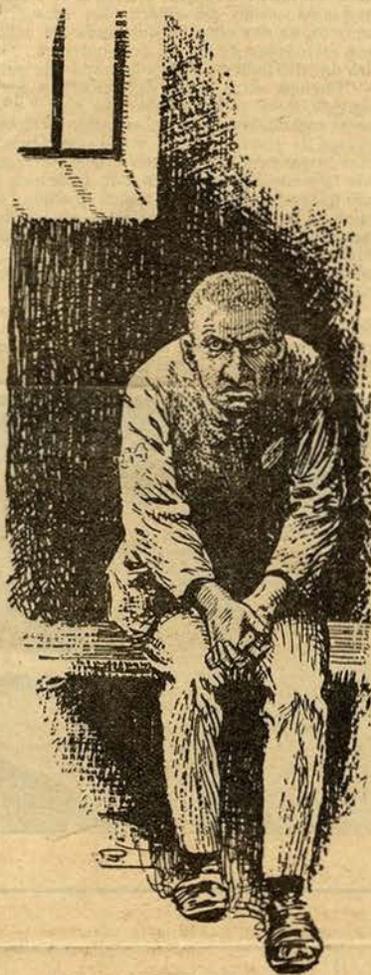
## Afirmações falsas do pai do morto e de algumas testemunhas

Consta do processo que foi a julgamento no Tribunal da Golegã, que o João Ezequiel, pai do assassinado, afirmou ter o *Quico* dado a pistola ao Calixto, quando já estavam em desordem, ao mesmo tempo que lhe dizia: — «toma lá a pistola e mata êste que já está agarrado».

Isto é tão inverosímil, que basta por si só para demonstrar a falsidade das declarações do pai do morto; mas temos mais e melhor. Do mesmo processo constam os depoimentos de três testemunhas que afirmaram ter sido o Calixto o autor da morte, mas que se contradizem nos detalhes mais importantes do facto, ao mesmo tempo — e isto é que é mais importante — que desdizem o afirmado pelo João Ezequiel. Todas essas testemunhas afirmam que o Calixto quando chegou junto dos desordeiros já trazia a pistola engatilhada, dizendo duas delas que êle vinha dum lado, ao mesmo tempo que a terceira afirma que êle vinha dum lado oposto áquele onde foi visto pelas referidas duas testemunhas.

O êxito da nossa primeira reportagem sobre este assunto — A dedicação e sacrificio duma cigana — O pai de Ezequiel mentiu — Testemunhas que se desdizem — Revelações sensacionais

Temos, pois, que ao mesmo tempo que o Joaquim Ezequiel afirma que o Calixto tomou parte na desordem e recebeu a pistola das mãos do *Quico*, três das principais testemunhas dizem tê-lo visto encaminhar-se para o logar onde se deu o crime de pistola engatilhada, logo, sem ter tomado parte na desordem inicial.



.. encontra-se a ferros na Cadeia de Monsanto...

Como estamos em maré das revelações do que consta do processo levado do julgamento, temos de nos referir a um facto que consideramos importante.

Provou-se que o primeiro a fugir e a saltar para a água na qual fugiram, foi o *Quico*, o que leva sem esforço à convi-

ção, de que era êle o criminoso. Além disso, constou ao processo que o *Estrelado*, logo que foi preso e chegou à Golegã, declarou prontamente que fôra o pai quem matára o Ezequiel.

Há mais factos importantes que constam do processo, pelos quais se demonstra a inocência do Calixto. Mas o assunto não se esgota ainda e, com tempo e paciência, nos referiremos a êles.

## O que não consta do processo e devia constar

Vamos agora ao que não consta do processo e devia constar.

O *Quico* foi preso dias depois do *Estrelado* e quando chegou à Golegã, sem saber o que o filho ter a dito, confesou espontaneamente que fôra êle o assassino do Ezequiel. Esta declaração, que foi feita na presença de várias pessoas, entre as quais do secretário e do tesoureiro da Administração do Conselho, no edificio da Administração, não constam do processo, como também não constam declarações daquelas testemunhas.

Quando foram presos o Calixto e o *Estrelado*, o *Quico* estava escondido por aquêle. Ao vêr os agentes acompanhados do João Ezequiel, que o apontou como sendo o assassino, o Calixto perguntou para o Ezequiel: — Para que me mandas prender se sabes que não fui eu quem matou o teu filho? — pergunta á qual o Ezequiel respondeu: — Em bem sei que não fôste tu, mas sim o malvado do velho que fugiu...

Este diálogo, que foi passado á frente de testemunhas, entre as quais se contam o regedor da freguesia e os cabos de policia também não constam do processo.

A certa altura das investigações, já depois de feitas as declarações a que acima nos referimos, pelo *Estrelado* e pelo *Quico*, êste, percebendo o ambiente que pesava sobre o seu genro, passou a negar o que até então afirmára, dizendo agora que não fôra êle quem matára o Ezequiel. Foi só então que se fez o primeiro auto de declarações.

Acareado o *Quico* e o filho, êste desle-lhe em calão cigano:

— «*Namai chaborrilho!*», que traduzido, quer dizer: pai nega e diz que foi o Calixto.

Começam então a aparecer os primeiros autos de declarações do *Quico* e do *Estrelado*. E, porque?

Conclue na pág. 15

## ROMANCES DA VIDA REAL

## Qual foi a verdadeira missão do príncipe de Glazunoff, em Lisboa

**Recorda-se um escândalo de 1906.—Um príncipe no Limoeiro.—O album de selos do infante D. Afonso.—A secretaria de S. A.—Como se desvendou um misterio.—Vinte e seis anos depois...**

**C**ONHECIAMOS de fama e de nome o Glazunoff porque, varias vezes ouvimos mestres da reportagem portuguesa de ha vinte e cinco anos—como Jorge de Abreu, Virginia Quaresma, etc.—evoca-lo como um dos episodios mais pitorescos e intrigantes do tempo da Monarquia.

O príncipe Glazunoff appareceu em Portugal, aí por volta de 1906, instalando-se com a pompa de um milionario e a solenidade de um rajah—creando logo á sua volta uma auréola de lendas. Varios membros do corpo diplomatico o conheciam e o apresentaram como sendo uma das figuras mais brilhantes da Europa. Alem disso vinha recomendado com autografos de parentes reais e de grandes titulos aristocraticos da Russia, da Austria e até da Inglaterra.

Abriam-se-lhe todos os salões de Lisboa; S. Carlos acolheu-o como a um dominador, e a propria corte o recebeu, com orgulho e entusiasmo. Um belo dia constou na redacção das «Novidades» uma noticia sensacional. Que se encontrava preso no Limoeiro uma alta individualidade estrangeira. Os «reporteres» daquele diario puseram-se em campo—mas era difficil obter informações exatas. Na policia, nos ministerios, na Camara procuravam abafar, por qualquer preço, o escândalo; e os guardas do Limoeiro tinham recebido ordens terminantes para negarem a presença de um individuo em destaque, entre os seus hospedes involuntarios. Mas um dos jornalistas, mais sagaz do que os seus camaradas, aventurou-se á descoberta da verdade por meio de um «truc» habilidoso... Fez-se passar por advogado de um gatuno vulgar, que ele sabia que se encontrava a ferros—e uma vez dentro da prisão não descansou enquanto não deu com a tal «alta individualidade». Qual não foi a sua surpresa ao reconhecer, mais solene do que nunca, embaalhado numa sobrecaisa londrini, «plastron» de seda lilaz e bigodes «kaizerescos»—o príncipe Glazunoff.

—Oh! Alteza Que desagradavel incidental exclamou o reporter que lhe tinha sido apresentado numa embaixada qualquer, em noite de gala. Que equivoico ou que vingança o feriu assim e trouxe até esta casa maldita?

O príncipe, sereno, na sua nobre palidez, retorceu as guias hirtas da bigodeira e explicou: —«São os meus inimigos politicos que estendem os seus tentáculos até Portugal. Mas o que mais me custa é o disparate do pretexto para me prender. Irrita-me sem se quer me magoar.

—Mas de que o acusam, Alteza?

O príncipe pigareou, ergueu as sobrancelhas em assento circunflexo e exclamou:—«Acusam-me de ter roubado um album de selos!»

O motivo sendo ridiculo, como ele dizia, pecava, sobretudo—e pelo menos na apparencia—por inverosimil. Mas poucas horas depois, ao verem que o reporter das «Novidades» estava bem informado, revelaram-lhe toda a verdade. Sim—o príncipe Glazunoff estava preso por ter roubado um simples album de Selos—mas esse album era um dos mais completos e preciosos do Mundo—e já este facto valorisava a proeza. Mas havia mais: é que o seu proprietario era... o infante D. Afonso—o irmão do rei.

O príncipe Glazunoff, desde a sua chegada a Lisboa, procurava, por todas as formas, aproximar-se do infante; e logo que o conseguiu esforçou-se por ganhar-lhe a intimidade. D.

Afonso, que era o mais simples e franco dos príncipes, acolhera-o com simpatia. Uma tarde, o estrangeiro fez resvalar a conversa para a paixão que despertava nalguns espiritos os selos raros e, á queima roupa, perguntou:—«V. Alteza possui uma das mais preciosas collecções do Mundo, não é verdade?» O infante, encolhendo os hombros, confessou que herdara o album, que era de D. Luis e que, de tempos a tempos, dedicava os seus ocios a aumentar aquelle pequeno tesouro. O príncipe Glazunoff exteriorizou tal curiosidade que D. Afonso não teve outro remedio se não abrir um cofre onde guardava a collecção e exhibi-la ao visitante. Dois dias depois voltou a apparecer-lhe e a pedir-lhe para folhear de novo o album—posto que desejava desfazer certas duvidas a respeito de uns selos húngaros que julgava ter visto... D.



Afonso tornou a escancarar-lhe o cofre; e pouco depois foi o proprio infante quem recebeu o album das mãos do estrangeiro e quem o fechou á chave. Mais tarde descobria o ilusionismo do cavalheiro. Glazunoff viera prevenido com um album de aspecto absolutamente identico ao seu; e aproveitando o á vontade com que o infante o deixara folhear a collecção, trocára os albums, ficando com o de D. Afonso e devolvendo a este um outro album... sem um unico selo! D. Afonso tinha a certeza que não tornara a metter no cofre, após aquella visita; alem disso recordava-se que o príncipe, ao entrar nos seus aposentos, sobrava uma volumosa pasta de coiro—onde, seguramente, ocultava o album vazio, para a escamoteação.

O príncipe nunca confessou o roubo, nem a policia conseguiu encontra-lo na sua bagagem. Moveram-se altas influencias—e o governo português, para evitar o escândalo, viu-se na necessidade de o poupar ao julgamento—contendo-se em expulsa-lo do país: Mais tarde soube-se que existia em Lisboa um cúmplice do cavalheiro, seu «compatriota», que se hospedava no Hotel Bragança e que só ás occultas é que communicava com ele. Fora esse cúmplice que guardara o album, durante todo o periodo da prisão—e quem o levára para o estrangeiro, na certeza de que nas fronteiras, ninguém o inco-

modaria—visto que não suspeitavam das suas relações com Sua Alteza...

Isto foi—dissemos já—por volta de 1906. Já lá vão, portanto, vinte e seis anos—e o episodio esbatue-se na memoria de todos os que dele tiveram conhecimento. Só os jornalistas, os politicos, os diplomatas ou os juizes que entrevistaram na questão e que não foram ainda derrubados pela morte é que, uma vez por outra, o recordam; e recordando—acrescentam, invariavelmente:—«E' um misterio insondavel! O príncipe Glazunoff tinha um passado glorioso e digno; era archi milionario; nunca ninguém dera em que colleccionasse selos—de forma a levar essa paixão até á cegueira de cometer um roubo! Com toda a certeza o seu gesto não foi aquelle que aparentou!»

E não foi! O segredo acaba de ser revelado pelo *Wienn Press* de 24 do mês passado—notificando a morte do secretario do príncipe Glazunoff—o austriaco Erick Schlegel que f-leu em Viena, com setenta e cinco anos de idade. Traçando a biografia, salpicada de aventuras e episodios emocionantes de Schlegel—o autor da noticia, escreve: «O príncipe Glazunoff era dos poucos que conheciam a sua illustre familia e o verdadeiro nome que elle occultava sob o seu pseudonimo. Russo de nascença—apaixonara-se pelas ideias avançadas da sua geração tendo intervindo em varios atentados dinamitistas—entre os quaes o de um restaurant no turno de Muscov, onde varios aristocratas ceavam alegremente e que ficaram feridos de morte. Sabendo-o arruinado, protegeu-o, oferecendo-lhe o logar de secretario, mas tratando-o como um irmão. Verdade é que Schlegel pagou largamente os favores recebidos. Uma vez as nossas chancelarias foram prevenidas que um tratado occulto tinha sido assinado entre a Inglaterra, a França e Portugal. Estavamos em 1905—em plena politica do Conde de Ulker. O imperador confiou pessoalmente ao príncipe a missão de descobrir a verdade—enviando-o a Portugal. O príncipe mandou o secretario á sua frente, com a ordem expressa de não o conhecer durante o tempo que estivera em Portugal. Em vão trabalhou em Lisboa, sem conseguir brocar a muralha que velava esse segredo diplomatico—quando o acaso fez com que, tolheando o album de selos do infante D. Afonso visse, entre duas paginas, um envelope pessoal—dos que Eduardo VII usava para a sua correspondencia. O infante guardára-o por causa do selo *white-fox*, colando, inteiro, ao album. Todo esse envelope estava gatafunhado de notas—e bastou relancear a vista para que comprehendesse o seu alto significado. D. Afonso encontrara, seguramente, esse sobscrito, no escritorio do seu irmão, o Rei D. Carlos, pedira-o para a sua collecção—e o soberano, esquecido do que apontara nesse pedaço de papel, cedera-o. E graças a uma habil escamoteação o príncipe conseguiu apoderar-se do album—sofrendo depois o vexame de ser preso, como gatuno. Contudo o album estava bem guardado—nas mãos de Schlegel que foi o seu portador e graças á sua dedicacção, o nosso governo evitou a tempo uma grave cilada politica».

Eis, senhores que recordaes o príncipe de Glazunoff—a revelação do segredo da sua viagem a Portugal—e do seu enigmatico gesto, roubando... um album de selos.

# História da Medicina

**Homens de Apolo—O primeiro médico oculista—Os  
: : imperadores da China estudavam medicina : :**

A invenção da Medicina atribui-se também a Harus ou Apolo, filho de Isis. Esta Deusa, diz Diodoro, tendo encontrado nas águas seu filho Harus, que os Titãs tinham morto, restituiu-lhe a vida e deu-lhe a imortalidade. Acrescenta que lhe ensinou a Medicina e a arte de adivinhar, e que ele prestou os maiores serviços pelos seus remédios e pelos seus oráculos.

É provável que se tivesse querido designar pelo nome de Harus ou de Apolo, o Sol, que os antigos consideravam como o princípio da vida e da corrupção e, portanto, como a origem da vida, da saúde, das doenças e da morte. É esta, sem dúvida, a razão que fez dizer a Hyginus que Apolo era o primeiro médico oculista, querendo assim aludir à luz solar que, segundo os poetas, é o olho do mundo.

Fez-se presidir este Deus ao Vaticano, à poesia e à música, porque os prognósticos são uma espécie de profecias, e porque a poesia e a música são dois poderosos calmantes para a melancolia e para as dores.

Nos hinos que os Sacerdotis cantavam nos templos, chamavam-lhe Pacon, duma palavra grega que quer dizer aliviar.

Os Celtas tinham-no como médico universal, conhecendo-o pelo nome de Bélénus, a ele recorrendo nas suas doenças.

## Arabus

Também Arabus tem sido considerado como um dos inventores da arte de curar. Plínio diz que os Egípcios pretendiam que a medicina tinha sido encontrada entre eles, mas que outros povos atribuíam esta glória a Arabus, filho de Apolo e de Babilônia. Fez-se também Apolo pai de Esculapio, mas parece que houve um Apolo Esculapio fenício ou egípcio (1), e um Apolo e um Esculapio gregos.

Alguns historiadores pensam que o Esculapio egípcio era o mesmo que Se-

sostros ou Tusostros, segundo rei da terceira dinastia, que foi não só um médico muito sábio, mas, ainda um habil pintor e arquiteto. Leclerc fá-lo viver no tempo do dilúvio, que se coloca em geral nos meados do XVII século do mundo. Passaram entre os dois Esculapios cerca de onze séculos após o dilúvio, até a expedição dos Argonautas, que se fixa no começo do XXVIII século, cinquenta anos mais ou menos antes do Céreo da Troia. O Esculapio grego foi a esta expedição, e os seus filhos foram ao cerco das Troias.

Não é só entre os Egípcios, mas ainda na maioria das nações, que encontramos reis, príncipes e pais exercendo a medicina. Se consultarmos a história, veremos que alguns imperadores da China se entregavam ao estudo da Medicina; entre outros, contam-se Cinningo ou Xinungo, e Hoanti, seu irmão e seu sucestor, que reinou 400 anos após o dilúvio, ou 2697 anos antes da era cristã. Entre reis-médicos, contam-se Aquiles, Idomeneia, Alexandre o grande, se dermos crédito a Pluturco, Dinis da Sicília, etc., etc.; e na idade média, Sapor, inventor dum xarope, ao qual deu o seu nome. Sabid, rei da Arabia; Mitridate, rei da Ponte; Metneu, filho dos reis de Damas. Avicuur, rei de Cordova, Constantino IV, denominado Pagonat, imperador de Constantinopola, etc., etc. Os anais judeus mencionam Salomão que começou a reinar no ano do mundo 2957 e que se dedicou à arte de curar. Conhecia, no dizer do historiador judeu, desde o cédro do Seibano até ao hispe, que cresce nos muros; diz-se que escreveu sobre aves, reptis e peixes, etc.

Se percorrermos agora os anais das religiões, veremos, desde a mais alta antiguidade, uma multidão prodigiosa de padres reunir a medicina ao sacerdotio. Os templos de Esculapio foram servidos por sagrados impostores, tão charlatães como supersticiosos, e que respondiam misteriosamente, por oráculos ambiguos, aos que tinham entregar ao deus da saúde ofertas que estes Santos ministros, por piedosas chamaram a si. Isis e Osiris tiveram também os seus templos e a multidão dos adoradores era neles constante. Na Asia, os Bonzos e os jammabos, exercem a Medicina; na China, é a Seita Taockia; na Tortoria, são os Seamas; no reino de Sião, de Pegu e de Seão, os Talapuins.

No México, os padres são os únicos médicos, o mesmo acontecendo nos Maxes e nos Verginianos; na América Meridional, é o Pioze o único que tem o direito de restituir a saúde; os Apoloquitas, povo da Florida, tem sacrificadores do sal, os quais exercem a medicina com a exclusão dos outros homens; os Boyez, nos Caraíbas, tem a dupla função de padres e médicos; os Butios da ilha de S. Domingos eram médicos, cirurgiões e boticarios. Na África só os padres exercem os três ramos da arte de curar.

Os padres, nos Hebreus, separavam os leprosos dos homens sãos, apreciavam as impurezas ilegais, e presumiam a maneira como cada um se devia purificar; a circuncisão fazia também parte do seu mistér, mas não exclusivamente. Nos nossos países os druidas eram ao mesmo tempo padres, médicos, juizes e legisladores. Nos séculos de ignorância, os padres da igreja romana exerciam a arte de curar, e o clero conservou durante mais de oito séculos, o direito de ensinar e praticar a medicina; havia até religiosos que às vezes se introduziam nas famílias, a título de médicos, para seduzir as mulheres e as filhas, levando consigo a desgraça e a desonra... Voltemos ao assumpto.

(1) Cicero diz que havia três Esculapios, o primeiro, que era adorado da Arcadia, era filho de Apolo, e inventor da sonda e da ligadura. O segundo era irmão do segundo Mercurio, e foi fulminado por Jupiter, e enterrado em Cynosuro, no Peloponésio. O terceiro, enfim, era filho de Arsippus e de Arsione; passava por ser o inventor do purgante e por ter arrancado o primeiro dente. Vê-se que nunca é possível separar a verdade das fábulas, às quais ela está junta. É possível que não tivesse havido senão dois Esculapios, um fenício ou egípcio, e outro grego; e talvez este último deva a sua reputação ao facto de ser confundido com o fenício.

DOUTOR X

Lêr no próximo número

## Medicina dos egípcios

## Costa Junior

Costa Junior, um dos jornalistas da moderna geração que mais rapidamente conquistaram um legítimo lugar de destaque, pelo brilho e superioridade de processos profissionais e pela invulgar integridade de caracter—abandonou a chefia da redacção do «Reporter X», posto que occupou durante algum tempo com toda a competencia. A resolução de Costa Junior, produziu uma verdadeira magia em todos os que trabalhavam nesta casa, desde o director ao mais modesto cooperador, porque a todos Costa Junior soube impôr-se pelas suas extraordinarias virtudes de lealdade, de honradez e de camaradagem, pouco banaes na nossa época. Infelizmente as razões pessoais e íntimas que determinaram o abandono voluntário deste jornal não cederam aos argumentos que empregamos para o reter na nossa companhia. Só desejamos—e bem sinceramente, que a sua carreira percorra toda a trajectoria tão brilhantemente iniciada.

**Quereis dinheiro?**

Jogai no

*Gama*

R. do Amparo, 51 - LISBOA

**PREÇOS CORRENTES**

Pelo correio mais \$80 para registo  
SEMPRE SORTES GRANDES!!!

A ZEITE

**SANTA CRUZ**

o melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEPHONE 4998 - PORTO

## Homens &amp; Factos do Dia

(Conclusão da pag. 3)

dam dias—e de subito ao voltar de uma esquinha vê-se cercado por uma legião de apaches, mobilizados e equipados para aquele outro que elle espantara e vencerá. Foi uma lucta desigual, horripilante, sangrenta...

O novo herói pula, redupla, esb. feteia, chicoteia, avança sempre sobre os cadaveres dos que vão caído—até que um dos sobreviventes, já em fuga, se volta e lhe dispara a pistola! Ah! Uma bala lhe entrará no corpo e o sangue corre, em borbulhas, da fenda. A *Gigolette*, de joelhos, junto ao seu herói de birra por socorro. O hospital! Os médicos lutam á sua volta para o salvar. Salvam-no mas não conseguem extrair-lhe a bala. «Ela está aqui, como uma reliquia num museu!—remata o herói apontando orgulhosamente para a zona anatomica onde se costuma (?) fixar o fígado. É a reliquia da minha maior aventura de Paris que irá comigo para a cova!»

A partir dessa hora a gloria do novo intrujão não conhece limites. O respeito dos seus conterrâneos, das aut ridades, das mulheres mais belas da terra, transforma-se em veneração, em fanatismo. Sobe... sobe sempre—até onde lhe apetece... A propria fortuna e o proprio amor se tornam em seus humildes escravos... Mas ali a hora do castigo—tinha que chegar...

O nosso homem gostava de vinho e o fígado reprovava-lhe esse excesso. Uns quinze anos após a proza de Paris—começou-se a queixar dum dor do lado direito... «Não admiral Dizem-lhe amigos e desconhecidos. São consequências da bala!» Ora elle que sabia muito bem que não havia bala a causar-lhe essas calavias. Durante cinco anos de sofrimento ininterrupto vê-se obrigado a... não se tratar da verdadeira doença que o minava—para não a desmentir; e esta falta de tratamento resulta-lhe, por fim, uma crise aguda e gravissima. Cai á cama e chama o medico da terra. «Isso e da bala! exclama o clinico. O unico que ha a fazer é operá-lo para a extrair.» Ele nega-se á intervenção cirurgica por dois motivos: porque tem a certeza de que ella, ostentando contra indicada pela verdadeira causa da doença, lhe pode ser fatal e porque não apparendo bala alguma—a sua mentira será descoberta. Ante a timosia negativa do enfermo a familia resolve chamar o medico mais famoso da cidade visinha. Este, mal chega á terra, e informado sobre a historia do tiro e do apache, e suggestionado por ella, confirma a opinião do colega local... É preciso fazer operação e extrair a bala! O doente protesta inventa razões para desviar o pensamento dos sábos para outro caminho—mas nada consegue. Os amigos e parentes tomam uma resolução decisiva. Vão á Madrid e trazem da capital a sumidade medica, o cirurgião mais famoso da corte. Mas este, como os outros, enganado pela eterna invenção da aventura parisiense—contenta-se a repetir o diagnostico dos colegas. E ante a negativa inexplicavel do herói—os que o cercam tomam uma attitude de incredulidade que o faz estremecer porque elle a toma por um inicio de respeito. Tudo, menos o ser destronado da sua celebridade! Cede resignado, sacrificando á operação... E morre, como é natural visto que a sua doença não era consequência da bala inexistente e que só podia curar-se fóra da cirurgia. E assim perdeu a vida o nosso herói—em holocausto á mentira. A *opinion ajena*—essa magna que nós, portugueses, chamamos opinião publica...

O romance de Zamacois é um simbolo; mas nem sempre é preciso têr-se criado uma mentira para que a opinião, alheia nos sacrifique e nos persiga. Basta, na maioria dos casos, em se tratar uma linha recta e teimar-mos em não transigir com as curvas alheias. Mas contra a tirania da opinião alheia—ha só uma defesa—a da indiferença, a da nossa propria intransigencia! O que é a lei, que a faz, que direitos tem, que valor á destingue da nossa consciéncia, que nos importa o nó que ella rosne ou nos victorie? Conhecem a historia do velho do burro e do rapa? Se o velho tivesse, desca do principio, fechado os ouvidos á opinião dos outros não teria soffido o que soffreu...

E para que tu leitor, percas para sempre, o respeito pela opinião alheia, para que dóra ávante vejas o que ella tem áiso, de mentirosa basta contactar o seguinte: Vêe fazer em breve dezoito mezes—foi no dia 9 de agosto de 1930—á hora em que os ardines apregoavam, pela primeira vez, por essas ruas fóra, o «Reporter X» um colega, um simbolo da *opinion ajena* que palestrava com outro colega na sala visinha no meu gabinete, pedindo que eu não o escutava meteu-se a profeta e predisse: «Este jornal não dura dois numeros!»

E lá ha dezoite mezes—quando safu o primeiro numero; e depois dêsse saíram mais oitenta e quatro! E desde então, se tu apurar os ouvidos, escuto sempre alguém a profetisar, com a mesma segurança que o «Reporter X» não dura dois numeros! E felizmente o «Reporter X» tem ido intonar, de vez em quando, os seus tinteiros, nos covões dêsse pessimistas...

Eis o valor exacto da *opinion ajena*..

Reporter X.

## As casas sinistras de Lisboa

(Conclusão da pagina 9)

que adorava; e para pôr em pratica o seu projecto utilisou o caminho subterraneo. Mas quiz o destino que devido a uma série de fatalidades, que o tunel se enchesse d'agua e ambos morressem afogados. Isto conta-se! O que está provado é que existe o registo desta dupla morte—dada como suicidio num poço que existia na quinta. Contudo, as autoridades quando viram os cadaveres, já estes estavam fora do poço...

O Bairro Alto, que foi dos mais poupados ás fúrias do terremoto de 1750—possue tambem os seus predios sinistros. Na Rua da Atalaia—57 ou 67—viveu, no seculo XVIII um medico espanhol—Jaime Ortega, casado com uma antiga comica. Uma noite, entrando mais cedo, surorendeu a esposa com um frade, assassinando os dois e occultando os cadaveres em casa, durante três mezes. Camilo cita de passagem—creio que nas *Noites d'Insomnia*. Ao que parece o medico pretentou uma viagem a Espanha, convencendo a visinhança que ia acompanhado da mulher. Rodaram três mezes sem que elle desse noticias suas—e os visinhos alarmados talvez pela pestilencia da decomposição de dois corpos, arrombaram as portas e encontraram os cadáveres. E assim se descobriu o crime. Escusado será dizer que o medico nunca mais voltou a Portugal.

Outra casa sinistra do Bairro Alto—é a do Rua das Gaveas, logo no segundo quarteirão, á direita de quem vem do Camões. Foi ali que um burguez tambem do século XVIII de nome Marcos Avelaz, atacado de subita loucura assassinou os pais, a esposa e um cunhado, vivendo, sem revelar o seu segredo, durante dias—falando com as victimas, como se nada se tivésse passado. Proximo da Rua D. Pedro V existe um palacio que já foi residencia dum diplomata estrangeiro que se suicidou em misteriosas e tragicas circunstancias—ha coisa de uns quarenta anos—e ainda hoje se diz que a sua alma vagueia de noite pelos corredores...

Ah! As casas sinistras de Lisboa! Quantos volumes se podiam escrever com as suas historias?! E quantas existirão—sem que ninguém o suspeite!?

## DRAMAS CIGANOS

(Conclusão da página 12)

## Dois homens de bem que pugnam pela verdade

Basta por agora. Parece-nos que só o que vimos de apontar já é bastante para provar a innocéncia do Calixto. Mas isto ainda não é tudo. Há mais e melhor. Por hoje, não queremos deixar de nos referir a um homem que, vivendo do seu trabalho, apeuas, se tem sa rificado até ao ponto de abonar do seu bolso quantias importantes para custear as despesas a fazer nas novas investigações de que está encarregado o agente Miguens, da P. I. C. Trata-se do sr. Bernardino Santana, funcionario público que não conhecendo o Calixto, senão incidentalmente, tem feito sacrificios enormes, na áncia de contribuir para que justiça seja feita. É tambem digno de elogios o agente, que se tem sacrificado até a abonar dinheiro do seu bolso, para que as investigações não sejam mais prejudicadas por falta de meios materiais, pois o infeliz Calixto e sua mulher estão exaustos de dinheiro e se não houvesse quem dêles se condona, difficilmente se poderá chegar ao fim.

Alvaro Anselmo.

## A Igreja e a Republica

(Conclusão da pag. 4)

O autor de «A Largueza do Reino de Deus», inicia a sua obra com a seguinte citação, que lhe serve de máxima:

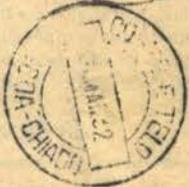
«Ai de vós escribas e fariseus hipócritas, que, insinceros como sois (avessos portanto á mentalidade Cristã) nem entráis no Reino de Deus, nem deixais entrar os outros, que pretendem entrar»—(S. Mat. XXIII, 13).

Que a leia e meditem os maus católicos, os novos fariseus, os ricos, os hipócritas os antiliberais. E bom era que acordassem o coração e fossem mais generosos e humanos para com essa enorme legião de desgraçados sem trabalho, sem lar e quasi sem esperança... que perder a esperança é desesperar. Que se não esqueçam disto os maus católicos, que se lembrem disto os ricos, os propagandistas das idéas do passado, os bem instalados na vida...

Luís Lupi.

## Quem quiz vender Portugal a Espanha

A propósito duma reportagem publicada neste jornal ha duas ou três semanas e assim intitulada, escreve-nos o sr. Teles Vasconcelos, filho do individuo focado pelo autor daquele artigo, procurando—o que é legítimo, refutar as acusações feitas contra o pai. Vem esta carta acompanhada de outras cujos sinarios, embora pertencentes a idéas muito diferentes dos nossos, nos merecem toda a consideração. Estes documentos chegaram-nos ás mãos demasia-lo tarde para deles nos occuparmos neste numero. Prometemos commentá-los, com novos detalhes, na proxima semana.



# Fixador NALLY

11228



*Doma os cabelos d'uma ma-  
neira absoluta*